



## Entrevista com Maria Tugira da Silva Cardoso

### “De alguma forma alguém tinha que fazer alguma coisa”

Catadora saiu do lixão em busca de uma nova perspectiva para sua comunidade

### Entrevista concedida para Angélique van Zeeland\* e Thais Kuhnrich\*\*

Maria Tugira da Silva Cardoso, de 61 anos, tem 4 filhas e 3 filhos, 25 netas e netos e 4 bisnetas e bisnetos. Atua como catadora de materiais recicláveis numa organização de economia solidária. No dia a dia lida com os desafios de acesso a direitos e de gestão democrática com justiça de gênero. Liderança reconhecida e respeitada, ela é protagonista de uma longa caminhada marcada por diversas conquistas.

### Maria Tugira da Silva Cardoso



Fonte: Acervo/arquivo da Fundação Luterana de Diaconia – FLD.

\* Economista, doutora em Economia do Desenvolvimento, assessora programática da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), no acompanhamento a projetos na área de Justiça Econômica e da Rede de Comércio Justo e Solidário.

\*\* Jornalista, assessora de comunicação da Fundação Luterana de Diaconia (FLD).

### **1. Maria Tugira, como começou a sua caminhada como catadora de materiais recicláveis?**

Sou moradora de Uruguaiana (RS), catei no lixão local por mais de 30 anos. Comecei a catar no lixão quando eu tinha 23 anos. O trabalho de doméstica, que exercia antes, não era suficiente para sustentar os 3 filhos que eu já tinha. Minha situação era terrível. Não tinha salário fixo, o patrão pagava o que queria. O que ganhava não dava para dar conta de um filho. Aí comecei a catar.

### **2. Como foi o processo de criar uma organização coletiva de economia solidária, uma associação de catadoras e catadores de materiais recicláveis?**

Minha motivação era de não deixar as netas e os netos crescerem no mesmo ambiente que eu criei minhas filhas e meus filhos, comecei a idealizar um espaço onde as pessoas pudessem recorrer para conseguir trabalho. O objetivo era que o lixão fechasse, mas que houvesse uma alternativa de ganho para aquelas pessoas. Não só ganho financeiro, mas que as próprias pessoas pudessem se reconhecer como gente e resgatar sua autoestima, acreditando que podem transformar uma realidade tão dura como era no lixão. O trabalho foi de formiguinha, levando cerca de 4 a 5 anos para ser concluído. As pessoas não acreditavam que a gente pudesse ter uma associação e se organizar. Isso por causa de tanta dor e descrença que já tínhamos passado em cima do lixão. Não se acreditava em autoridade e em mais nada. Achavam que a vida da gente era aquilo ali: catar lixo, comer do lixo e viver em cima do lixão. Mas eu já tinha outra perspectiva. E eu acho que meu trabalho era fazer as pessoas verem que tinham condições de mudar aquela realidade.

### **3. Como foi a luta por direitos das catadoras e dos catadores de materiais recicláveis?**

Há 20 anos participo no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), e há 6 anos integro a Comissão Nacional, onde aprendi muitas lições. Eu e todas as pessoas que viviam no lixão pensávamos que só existia aquele lugar. Quando comecei a sair e participar de encontros, em outras cidades e mesmo em outros estados, passei a conhecer meus direitos e fiz as lutas pelos direitos das catadoras e dos catadores. Voltei para o lixão bem mais esclarecida e pude levar esclarecimento. Foi assim que conseguimos fundar em 2009 a Associação de Catadoras e Catadores Amigos da Natureza (ACLAN). Em 2014 foi construída a central de triagem da ACLAN. Com muita luta, persistência e articulação foi assinado um contrato com a Prefeitura para a realização da Coleta Seletiva Solidária pela ACLAN no município. Atualmente, 53 famílias tiram seu sustento desse trabalho.



#### **4. Qual a importância da participação das mulheres catadoras na luta por direitos?**

Desde 2015 tenho participado no projeto Mulher Catadora é Mulher que Luta, realizado pela Fundação Luterana de Diaconia em parceria com o MNCR. A participação neste projeto e em outros projetos é muito importante. A gente vê mudanças nos grupos de mulheres, que estão adquirindo mais conhecimento e segurança. O principal é a vontade de conhecer cada vez mais sobre seus direitos. Estamos trabalhando a justiça social e direitos. Aos poucos, as mulheres vão ganhando conhecimento e segurança para tratarem diretamente com as prefeituras, exigindo seus direitos nas áreas de assistência social, ambiental e fortalecimento dos conselhos da mulher.

#### **5. Como foi o impacto da pandemia para as catadoras e catadores de materiais recicláveis?**

Com a chegada da pandemia, a coleta foi drasticamente reduzida e tem comprometido a vida das pessoas que dependem da coleta. A renda de cooperadas e cooperados foi muito afetada, por conta da falta de materiais e pela redução no valor pago pelos compradores. A entrega de cestas de alimentos saudáveis, produzidos pela agricultura familiar ecológica, foi de extrema importância. Principalmente no momento que a gente estava aqui na cidade: pouco material e bastante gente. As cestas contribuíram para que as pessoas tivessem um alimento.

#### **6. As mulheres são maioria nas associações e cooperativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis, mas têm uma grande dificuldade para chegar na gestão e, quando chegam, as dificuldades são maiores. Por quê?**

Eu acredito que os desafios para as mulheres na gestão são maiores por conta da sociedade machista e desigual em que vivemos, onde a mulher ainda é vista como objeto e o homem como ser supremo e de dominação. As mulheres catadoras sempre tiveram uma grande dificuldade de ocupar espaços de gestão, tanto nas associações como nas cooperativas de catadoras e catadores. Quando as mulheres conseguem chegar neste espaço, falta acesso, falta informação, falta estrutura, falta recursos. No meu ponto de vista, as mulheres conseguiram conquistar o espaço de poder, mas não conseguiram vencer a desigualdade de gênero. E para isso é preciso buscar autonomia e romper com esta cultura machista que discrimina a mulher, ainda diariamente no nosso cotidiano.

#### **7. O que significa autogestão e gestão democrática com justiça de gênero para você e qual a importância nas associações e cooperativas de catadoras e catadores?**

A autogestão é um dos princípios do MNCR, onde gerimos nosso próprio trabalho e não tem figura de patrão. A gestão democrática com justiça de gênero no meu entendimento é o espaço onde sócias, sócios, cooperadas e cooperados podem colaborar nas tomadas de decisões, desde que haja um consenso entre todas as pessoas, homens e mulheres, de forma democrática e



igualitária. Eu acredito que sem igualdade de gênero e sem empoderamento social, nós não vamos conseguir combater a violência contra as mulheres. A gente tem um longo caminho ainda a percorrer de luta para empoderamento das mulheres catadoras.

### **Agradecimentos**

Maria Tugira, nós agradecemos toda a tua luta para os direitos de catadoras e catadores de materiais recicláveis, pelo engajamento na justiça econômica e justiça de gênero e no empoderamento das mulheres catadoras, tuas palavras nos inspiram.